ANO II—N.º 667 PREÇO 5 CENTAVOS Sexta-feira, 11 de Fevereiro de 1921

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhaba*-Lisboa • Telefóne 5339 C.
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O PAPEL E A IMPRENSA

Sabemos perfeitamente que a vida dos jornais corre difícil. A maior dificuldade que assoberba a imprensa é, sem dúvida, o encarecimento do papel. Além da compra do papel os jornais tem ainda outras despesas, como, por exemplo, as férias dos tipógrafos e os ordenados da redacção. Os jornais custavam outrora dez réis e custam actualmente cinco centavos. Aumentaram portanto de preço na proporção de 400 por cento. As despesas com a tipografia e redacção não aumentaram com certeza numa proporção superior a esta. A um redactor que, ganhasse antes da guerra 50$00, pagava-se agora 150$00, raramente mais, freqüentemente menos. Os ordenados dos revisôres não subiram em nenhum caso na proporção em que subiu o custo do jornal impresso. Além disso, os jornais trazem agora um menor número de páginas, e daí a redução de pessoal. Verifica-se, pois, que os aumentos efectuados nos ordenados e férias se equilibram perfeitamente com a subida de custo dos jornais.

Já com o papel muda o caso inteiramente de figura. O aumento sofrido por êste produto excede tudo quanto possa imaginar-se. A pasta importada entra numa percentagem insignificante na composição do papel de impressão. Os salários recebidos pelos operários papeleiros são simplesmente miseráveis. Contudo o papel subiu na louca percentagem de *dois mil e quinhentos por cento*. Porquê? Porque a especulação se exerceu desenfreadamente com o negócio do papel, porque se meteram a comprá-lo, a vendê-lo e a assambarcá-lo criaturas que hoje possuem fortunas fabulosas, adquiridas rápidamente por meio das suas habilidosas manobras. Por seu turno, os governos deixaram correr o marfim, deixaram subsistir uma protecção pautal que não tem justificação, e o papel foi subindo quási diáriamente até chegar ao bonito preço em que hoje está.

Está portanto provado que o encarecimento do papel é a causa primaz das dificuldades em que hoje se vê a imprensa. Ora já por várias vezes os organismos operários filiados na Federação do Livro e do Jornal teem empenhado esforços no sentido de atenuar esta crise que a tantos afecta. Bem viu a F. L. J, que o encarecimento constante do papel poderia aniquilar as indústrias que do papel necessitam, atingindo do mesmo passo operários e patrões. Ainda antes da guerra, em 1913-14, se constituiu, a instâncias das associações de compositores e impressores tipográficos de Lisboa, uma comissão operário-patronal, com o encargo de estudar as condições da indústria tipográfica em Portugal, reclamando do govêrno um conjunto de medidas capazes de tornar mais fácil a publicação de livros e jornais. A parte patronal, esfriado o entusiasmo dos primeiros momentos, desinteressou-se por completo do assunto. Foram realizadas na Associação Industrial Portuguesa seis conferências, no intuito de chamar para a questão as atenções de assalariados e industriais. Dessas seis conferências, cinco foram efectuadas por operários. Depois os industriais deixaram de aparecer, o trabalho, suspenso a meio caminho, resultou em pura perda.

Mais tarde, aí por 1917, se não estamos em êrro, um novo acôrdo se estabeleceu entre patrões e operários para tratar da questão do papel. Formulou-se um certo número de reclamações que foram entregues ao govêrno. Este desatendeu-as em absoluto, como é costume. Uma assemblea magna, efectuada na Associação dos Compositores, chegou a votar a greve geral em princípio se a indiferença do govêrno por tam importante questão se mantivesse. Mas eis que alguns patrões manifestam a sua discordância perante esta resolução. Em conclusão, a greve não se deu, nenhumas medidas foram adoptadas pelo govêrno para acudir à crise, e os negociantes de papel, que aumentaram em número, foram enchendo as burras e agravando indústrias que aliás nunca estiveram em situação próspera. O que se prova com tudo isto é que os operários se preocuparam sempre com o assunto, e alguma cousa se teria feito em tempo próprio se os seus esforços houvessem sido secundados pela parte patronal.

Pois as empresas jornalísticas, para justificar a recusa em aceder às reclamações que agora lhes foram presentes, alegam a carestia do papel num tom que parece indicar serem os operários os responsáveis. Ao apresentarem as suas reclamações, os assalariados dos jornais sabiam bem que muitos diários atravessavam uma situação difícil. Mas sabiam ainda melhor que lhes era impossível viver com a paga que vinham recebendo. Os operários já trabalharam e estão dispostos a trabalhar para melhorar a situação da imprensa. Já trabalharam e estão dispostos a trabalhar para modificar a situação económica do país e pôr um dique ao encarecimento da vida. O que não estão é dispostos a trabalhar para morrer de fome. Reclamam aquilo que lhes é estritamente necessário para se manterem e aos seus. As empresas jornalísticas fundaram-se, na sua maioria, para defesa duma determinada corrente política ou de determinados interêsses financeiros. Esses políticos e êsses financeiros que desembolsem o excesso, pois não lhes é legítimo conservarem os seus órgãos à custa da fome dos que neles trabalham. De resto, se o papel, chegou a êste preço impossibilitante, se as condições da imprensa se dificultaram desta assombrosa maneira, as empresas só teem que agradecer isso a êsses mesmos políticos e financeiros, causadores ou cúmplices de tôdas as desgraças que nos afligem.

P. C.

Quem os vê...

Pobres "fôrças vivas"!...

Se eu lhes disser que há *fôrças vivas* famintas, rotas e friorentas, talvez me não acreditem. No entanto, o facto é absolutamente verdadeiro. Não me refiro, é claro, àquelas *fôrças vivas* que à viva fôrça querem passar por miseráveis, párias, sem eira nem beira, embora possuam, nos cofres fortes e nos bancos da rua dos Capelistas fortunas imensas que lhes tornam o viver facílima tarefa.

Não. As *fôrças vivas* a que vou referir-me não teem loja de fazendas nem mercearia, nem taberna sebenta, nem carvoaria imunda. No entanto entregam-se ao comércio, à industria e à arte. Os seus artigos são geralmente vendidos nas artérias mais *chics* da capital. A rua Garrett, a rua do Carmo ou a do Ouro são os seus pontos estratégicos.

Esses artigos que chegam, por vezes, a interessar meia cidade não se reduzem a simples produtos da indústria, não. Uma boa parte de imaginação artística contribui para torná-los agradaveis, para entusiasmar a multidão.

Não há muito tempo que o *cumprimenta-todos* fez rir Lisboa inteira. O *cumprimenta-todos* era uma figurinha ridícula, entalada numa sobrecasaca mal-feita, grandes bigodes brancos, e que movida por um cordel, cnmprimentava o transeunte, mostrando uma calva respeitavel. O bonêquinho não era um modêlo de perfeição, mas, nas suas linhas gerais, possuía o bastante para que evocássemos, rindo, o sr. Bernardino Machado na sua extenuante tarefa de saüdar. *Cumprimenta-todos*, num país onde os verdadeiros caricaturistas escasseiam, onde os intelectuais, em regra pèssimistas e neurastênicos, perderam o hábito de troçar, foi durante certo tempo a máxima expressão da alegria, da ironia e da troça nacionais.

Essa ironia, essa troça partiam de homens cuja vida de miséria não inspira alegria, êsse bom humor nacional provinha das mais baixas camadas sociais, dos negociantes miseráveis, das *fôrças vivas* famintas que vendem pelas esquinas as argolas para chaves e o papel *Arménia*. Estes negociantes remendados, estas *fôrças vivas* sem balcão ainda sabem rir. Conservam, a despeito da fome, pouco animadora, e da sua educação artística, recebida na livre vadiagem pelas vielas, uma sensibilidade equilibrada, um instintivo senso crítico, de onde ressuma graça e alegria, onde se reflecte talvez a claridade forte do sol que os queima e a saúde inalterável que a vagabundagem dá,

Quem não conhece o célebre *Pipi pró Néné?* Um pássaro de barro crú ornamentado de pintalgadas azas de papelão, prêso por elástico frágil, que o faz saltar e voar, e aí temos um *pipi* encantador, capaz de povoar os sonhos de Néné com as mais sedutoras imagens.

Quando as mães, arrastando Néné pela mãosita minúscula, passavam junto do vendedor de *pipis*, já sabiam que o pequenino chorava, reclamando um dêsses bonecos rudes para brincar. Se o Néné não chorava o vendedor, de faces sujas, nos lábios um sorriso ladino de *gravoche*, excitáva-o:

—Chore menino, que a mamã compra o pipi!...

E o menino chorava, por vezes, com acompanhamento de açoites nas nádegas rechunchudas.

Estes artistas da rua teem um conhecimento perfeito dos gostos populares. Sabem que o povo ama a variedade acima da quantidade, e não se cançam de inventar. Os bonecos mais bizarros, representando pássaros e gatos, macacos de rabo de arame e catatuas de plumagem berrante, papagaios e respectiva gaiola, lagartos verdes pintados de amarelo, *bull-dogs* de focinho amachucado, palhaços e bailarinas, apitos e leques, ventarolas e espelhos de algibeira,—tudo aquela gente desculpa, constrói, pinta, funde e modela, revelando ao mesmo tempo qualidades admiráveis, de pintor, desenhador, ilustrador e escultor.

Não possuem apenas o espírito inventivo; também sabem especular com situações. Um escândalo da politica, uma individualidade célebre, uma graçola de revista, aparecem, não sei como, repentinamente transformados num boneco, que pula, gesticula, salta ou faz cómicos tregeitos com o auxilio de arame e fio.

O ferreiro-bate-o-malho encontrou a sua origem numa revista, pornográfica; o *cumprimenta-todos*, num político ridículo; e quem sabe lá se as propostas de finanças não surgirão ámanhã transmudadas em algnma figurinha inofensiva como as meninas Pires enfeitem a saleta banal?...

A arte das ruas tem, por vezes, mais valor do que essa que nós vimos aí pelas Bobones e salões, moldurada a oiro. Não é simples arte pela arte. Revela sempre qualquer cousa mais; encontra-se-lhe espírito, *verve*, crítica, ironia, vida.

Esses artistas abandonados, rotos, que desconhecem os elogios de jornal, o monóculo e as luvas, são, para mim, valores que se perdem, energias que, aproveitadas, produziriam maravilhas.

Não terão perfeições de técnica que espantem, nem salões próprios para expor, mas teem a rua larga, onde arrastam a miséria, e teem ainda tôda a minha admiração—a unica talvês, coitados!...

Mário DOMINGUES

NÃO APOIADO!

LOCUTÓRIO DUM INSURRECTO

Por uma singular anomalia se convencionou chamar ao bacalhau «o fiel amigo». Eu tive-o sempre por um inevitável inimigo. Nas casas pobres e nos restaurantes baratos o bacalhau é o prato mais fácil, às vezes a única comida acessível para os bolsos parcos. Comem bacalhau todos os dias aqueles cujas posses não alcançam petisco superior. Não há nada de recomendáve, no enfadonho peixe. Ao tacto é sujo ao paladar é salgado, à vista é desagradável, ao olfacto é nauseabundo. Todavia, o bacalhau é um dos produtos alimentares que mais consumo teem. Adquirem-no em abundância as donas de casa e cotidianamente o ministram, de manhã e à noite, aos que se lhe sentam em redor da mesa. Mas eu vejo que o bacalhau é intimamente odiado por todos os pobres. Descamisado que se apanhe, num dia excepcional, de bôlso môrno, ou porque lhe saísse a sorte grande, ou porque um parente longínquo lhe houvesse legado dois patacos, foge do bacalhau a 7 pés e come então os pratos defesos, os frutos proíbidos, de que os ricos andam fartos e enjoados mas que os pobres conhecem apenas intuitivamente, pelos aromas que se desprendem das cozinhas dos hóteis. Os trabalhadores, porém, estando sujeitos a trabalhos forçados, estão também sujeitos a um alimento forçado, que é o bacalhau. Este pescado sêco é a providência para os famintos. Na mesma situação estão as casas de penhores. Os pobres recorrem aos penhoristas como recorrem ao bacalhau—coagidos pelas circunstâncias da sua vida miserável. Mas eu não quero fazer aqui a minuciosa análise dos vários predicados negativos que ao bacalhau se podem justamente atribuir. Quero apenas transmitir aos leitores a grata notícia que ontem nos foi dada pela *Imprensa de Lisboa*. Diz êste jornal amigo que uma baixa no custo da vida se avisinha. O primeiro produto a baratear será—já vocês adivinharam—o bacalhau. Será demasiado pèssimismo, será; mas eu creio que os foguetes são prematuros. Tam habituado estou a vêr subir, subir sempre, o custo da vida, que já não posso acreditar em baixas sem ter cuidadosamente, como S. Tomé, verificado o inacreditável fenómeno sob a forma dum saldo metálico que venha finalmente amachucar o cotão farto, em fossilização nas algibeiras do meu colete. Cumpre dizer que esta baixa no custo do bacalhau só se efectuará, no dizer da *Imprensa de Lisboa*, se cada um de nós se abstiver de consumir o desenxàbido peixe: Desejoso estou eu e muitos como eu de dar de mão ao bacalhau. Mas estaremos nós em condições de permitir-nos tam dispendiosa amnistia? Bem desejaríamos todos uma temporada alimentar obrigada a pitéus de fina escolha, mas, ai de mim, o bacalhau é realmente um inimigo inevitável a cuja perseguição não podemos subtrair-nos. E, depois, a baixa do bacalhau, dado que se produza, o que se me afigura ainda duvidoso, ¿modificará de modo apreciável as miseráveis condições da nossa existência? E' que tudo o mais sobe, presados amigos da *Imprensa de Lisboa*. Desde que apresentámos as nossas reclamações subiu a carne de pôrco e de vaca, subiram alguns tecidos, subiu ainda ontem o alcool desnaturado nas drogarias. Só uma coisa desceu, graças ao Senhor: foi a temperatura. As noites teem estado siberianas. Valha-nos isso, a ver se no meio de tantas desgraças conservamos o sangue frio...

Profeito de Carvalho

A ARTE E OS ARTISTA

A figura máxima do Teatro Português

D. João da Câmara

I

O teatro, fundado em Portugal pelo génio de Gil Vicente em 1502, foi robustecido através dos séculos por Ferreira com a *Castro*—a única tragédia portuguesa—, pelos autos de Camões, pelas comédias de D. Francisco Manuel e pelas farças de António José. Arrastou uma vida raquítica a arte teatral portuguesa desde que o engenho de mestre Gil lançou a semente com os seus autos satíricos no terreno sáfaro da mentalidade portuguesa até ao auto de fé onde pereceu o infortunado *Judeu*.

Portugal nunca fôra propício à revelação e ao triunfo de dramaturgos. Enquanto a Inglaterra assombrava o mundo com o génio de Shakespeare; enquanto a França aplaudia Molière e a Hespanha festejava a trindade gloriosa composta por Tirso de Molina, Lope de Vega e Calderon de la Barca, nós não acusávamos mais que tentativas, como bruxuleios de uma luz que, por falta de combustivel, está prestes a extinguir-se.

Vem, porém, a fase construtiva dos primeiros anos do constitucionalismo e o teatro português pareceu assentar definitivamente, com as reformas e os dramas de Garrett, em bases sólidas e perduráveis. O instituidor do teatro nacional e do conservatório fôra o primeiro dramaturgo português, aquele que dera teatralidade às suas peças, o que numa visão de predestinado compreendeu o alcance, a importância do teatro sôbre a educação popular.

Porém, o novo ciclo teatral, tam auspiciosamente iniciado pelo autor do *Frei Luís de Sousa* parecia interrompido. A incapacidade teatral dos escritores portugueses acentuava-se confrangedòramente, apesar da protecção que o Estado dispensava a este género de literatura. Só mais tarde, morto o fundador do teatro D. Maria, é que apareceram Mendes Leal, Costa Cascais, Antonio Enes e Pinheiro Chagas, que nos legaram, entre futilidades várias, peças de real valor, como a *Morgadinha* e *Os Lazaristas*.

A contrastar com a ausência de dramaturgos houve sempre alguns intérpretes de valor, como Emília das Neves, Tasso, Rosa, pai, e muitos outros. Neste definhamento decadente viveu largos anos o teatro português, até que, com a exploração do teatro do Rossio pela sociedade Rosas e Brazão, apareceram novos dramaturgos, de entre os quais se destacava, como figura gloriosa, a técnica prometedora de D. João da Câmara.

Foi este dramaturgo, com efeito, o maior de entre aqueles que levaram o teatro português a uma altura que êle até aí não havia atingido. Estava então em voga o teatro histórico, que o génio de Garrett havia propulsionado. As personagens mais gloriosas da história pátria viviam no tablado evocadas pela técnica dos dramaturgos e encarnadas pelos actores mais ilustres.

D. João da Câmara deixou-se influenciar pela tendência da época. Todavia, notava-se no seu teatro uma acentuada diferença, uma lógica e verdade scénicas que o impunham, deixando-se aperceber na sua técnica o mestre que havia de nos dar as melhores peças da literatura teatral portuguesa. Ele não se limitava a evocar em tiradas empoladas, como exortações de conquistador medievo para levantarem a espinhela do patriotismo, as figuras dos nossos maiores. Triunfos conseguidos com tais processos não satisfaziam a sua ânsia de reformador, a sua probidade artística. Se é certo que a figura nobre do conde de Castelo Melhor nos aparece engrandecida no «D. Afonso VI»; se essa personagem vive no drama todo o seu grande sonho de grandesa, tôda a sua ânsia patriótica insatisfeita e contrariada pela fraquesa ingénita do rei, irrisòriamente cognominado de *Vitorioso* e que na peça assume as proporções das figuras shakespereanas, D. João da Câmara analisa com a frieza de um sábio o espírito decadente do reinado de êsse rei tarado, mostrando-nos as baixesas, as devassidões, as libertinagens do monarca, a contrastar com o vigor másculo, com a consciência forte do ministro.

No «Alcacer Kibir», descreve-nos o dramaturgo o desalento que invadiu as almas depois da derrota dos areais de Marrocos: E' todo o espírito abatido de uma nacionalidade que se reflecte nas scenas culminantes dessa peça que por vezes atinge a sublimidade patética da tragédia. Mais que uma lição de história, D. João da Câmara transforma as suas peças em análises psicológicas da época em que a acção se desenrola O dramaturgo tinha da história nacional uma concepção elevada. Em sua opinião nós não precisamos saber apenas os factos mais notaveis de certas figuras relevantes, mas queremos compreender o ambiente que preparou ou inspirou os seus feitos gloriosos.

Foi êste o valor de D. João da Câmara. No «Regente», Marcelino valoriza as figuras já de si simpáticas do conde de Abranches e do infante D. Pedro; mas nada nos diz do espírito da época em que elas viveram—como se essas duas figuras por si só sintetisassem tôdas as aspirações da nacionalidade. O drama do autor da «Dôr Suprêma» vive mais das tiradas patrióticas, do rodriguinho arrebatador das plateias que da naturalidade scénica—ao contrário dos dramas históricos de D. João da Câmara, que vivem pela sobriedade de processos e pela expressão teatral, sem convencionalismos que encubram as falhas, sem *ficelles*, sem *trucs* que preparam o êxito fácil.

«O irmão do conde da Ribeira que fazia versos», como do autor do «Pântano» diziam desdenhosamente os tafuis que freqüentavam os salões aristocráticos, foi, além de um grande evocador de épocas e figuras de antanho, o maior criador de personagens que o teatro português possui. Se êle se destacou dos seus contemporâneos na factura do drama histórico, foi, porém, nas peças de carácter psicológico e regional onde se afirmou todo o seu poder criador, as suas prodigiosas faculdades de dramaturgo e de inovador. Passarei em claro nesta análise da sua obra a colaboração que êle deu nas farças líricas a Gervásio Lobato e a «Rosa Engeitada—peça inferior aos seus méritos, mas onde se revelou todavia a bondade extrema da sua alma pura de justo—e ocupar-me hei de «Os Velhos», a «Triste Viuvinha», peças de acentuado cunho regional, o «Pântano» e «Meia Noite», peças modernas, peças de ideas, feitas sob a influência dos dramaturgos nórdicos e do simbolismo nebuloso de Maeterlink.

Jesus PEIXOTO

Actos indignos

Acha bem o presidente do ministério?

Conforme dizemos noutro lugar, efectuou-se ontem, no tribunal de defeza social, instalado agora no quartel da guarda republicana, a Campolide, o julgamento de dois jovens operários, acusados de terem tentado contra a vida dum agente de polícia. Até aqui, estará bem, se quizerem.

O que, porém, não está conforme é que as pessoas que às audiências dêsse tribunal desejem assistir tenham que sujeitar-se a ser apalpadas pelas mãos pouco limpas de certos sujeitos que para ali são enviados, conforme sucedeu ontem, parecendo-nos que seria preferível fazer o espectáculo à porta fechada, se o que se pretende atingir apalpando os indivíduos que ali se dirigem é isso precisamente.

Mas actos mais repugnantes há a registar.

Foram ali agredidos, por criaturas que pertencem à polícia de segurança do estado, vários indivíduos, um deles comerciante, que certamente não poderá ser tomado como... *bolxevista*.

Segundo depoimentos que a esta oficina nos vieram fazer várias pessoas que presencearam os factos, José Castela, operário marceneiro, que sossegadamente acompanhava a audiência, convidado a abandonar a sala por um polícia da segurança do estado, foi bàrbaramente agredido, sem motivo plausível, por êsse agente e mais dois, conhecidos pelo Almeida, o *Malhado*; Santos Tavares, o *Rato dos Armários* e um tal Figueiredo, salientando-se o primeiro que, segundo os nossos informadores, atacou cobardemente o rapaz, fazendo-o cair sob as rodas dum camionete. E como se isso não bastasse, foi o rapaz prêso, tendo sido restituído à liberdade à noite!

Coube depois a vez ao referido comerciante, que é estabelecido junto à paragem dos eléctricos de Campolide, tendo êste sido agredido a sôco por um soldado da guarda republicana, que possivelmente virá a ser louvado pelo seu grande feito...

Há um terceiro indivíduo que foi igualmente agredido, cujo nome não conseguimos apurar. Estando também na sala, foi chamado por um dos da segurança, parece que o tal *Malhado*, que nos dizem ser criatura de largo fôlego. Uma vez fora da sala do tribunal, foi acompanhado por um alferes e um soldado da guarda republicana, indo ao lado o referido agente. A certa altura, o soldado, com aprazimento do alferes, deu um forte murro nas costas do detido e em seguida o agente, levantando a bengala, agrediu-o brutalmente.

Estes factos afiguram-se-nos reveladores, quando menos, duma forte dose de cobardia.

Pomo-los perante os olhos do chefe do govêrno e estimariamos saber se s. ex.ª acha bem que se proceda de maneira tam selvagem para com criaturas que serenamente assistiam a um acto público e que mesmo que motivo tivessem dado—e não deram—a que fôssem expulsas da sala, admitiamos que as metessem em qualquer calabouço, mas bater-lhes é tornar a situação idêntica à do dezembrismo.

FEDERAÇÃO DE CALÇADO

Uma proposta interessante

Reüniu a comissão administrativa, que tomou conhecimento de ofícios: do Sindicato Unico da Indústria de Couros e Peles do Pôrto, Fabricantes de Calçado do Funchal e S. U. I. C. C. e Peles de Coimbra. Apreciou a proposta, aprovada na última reünião do conselho, que cria um conselho técnico dentro da federação, proposta da autoria do representante do S. U. C. P. do Pôrto, a qual é do teor seguinte:

«Considerando que as modernas lutas operárias se assinalam pela acção reconstrutiva dos futuros quadros da produção, que desde já vão emancipando o trabalho e permitindo mais ampla liberdade ao trabalhador;

que, entretanto, é necessário reconhecer que os detentores da riqueza se não compadecem com as modernas necessidades, antes procuram defender-se, defendendo os seus privilégios de classe dominante, urgindo, por isso mesmo, que os trabalhadores alarguem os quadros da sua organização revolucionária por forma que desenvolvam a sua resistência, e, simultâneamente, a sua capacidade revolucionária e expropriadora, para que, precipitando-se porventura os acontecimentos sociais, presentemente em ebulição, não se seja colhido de surpreza e antes se faça face à inevitável confusão e se vença o melhor possível o imprevisto;

que não estando a indústria de calçado à mercê das capacidades técnicas superiores e estando-o só em parte o ramo de curtumes, aos operários cabe o trabalho de por si próprios estudar as condições da indústria, seu desenvolvimento técnico e sua capacidade produtiva, proponho que seja nomeado um conselho técnico, dentro da Federação, com o fim especial de estudar os meios a pôr em prática para se conseguir o objectivo enunciado nos considerandos supra, para o que deverá pôr-se em relação directa com todos os organismos da província pertencentes à indústria, além dos demais trabalhos que para o efeito for necessário realizar.»

A greve dos Trabalhadores dos Jornais

O novo diário dos grevistas

Confirmando a notícia que demos do aparecimento, no princípio da semana próxima, de um novo diário da tarde, redigido e composto por grevistas, podemos adiantar hoje que o novo periódico, independente de quaisquer grupos políticos ou financeiros e sem pretenções a ser órgão de qualquer corrente de opinião, se esforçará por contribuir para elevar moral e intelectualmente a sociedade portuguesa chamando a atenção do público para os momentosos problemas que agitam todos os povos, fazendo-o pensar e raciocinar sôbre eles.

Os interêsses das classes médias, por elas próprias tam despresados, encontrarão defesa nas suas colunas; e as questões literárias, artísticas, pedagógicas, morais e económicas serão cuidadas com desvelado interêsse, para isso contando os redactores do novo periódico com a colaboração, já assegurada, dos nossos melhores escritores, artistas, educadores e sociologos.

Aos grevistas gráficos

Os gráficos grevistas que necessitem de receber subsídio devem inscrever-se hoje, para êsse efeito, nas respectivas listas, que se encontram no gabinete da Associação dos Compositores Tipográficos, das 15 às 17 horas. Uma hora antes devem comparecer no local os delegados dos quadros dos jornais para prestarem informações.

O apoio da classe operária

A Associação dos Cosinheiros e Criados Portugueses de Navegação Estrangeira, em sua reünião de ontem, manifestou o seu voto de que o movimento dos trabalhadores dos jornais seja coroado de bom êxito.

Partido Comunista Português

Reüniu ontem a comissão organizadora das bases do programa do Partido Comunista Português, que resolveu convocar uma assemblea magna dos membros fundadores do mesmo partido para depois de àmanhã, pelas 13 horas, na sede da Associação dos Empregados de Escritório, rua da Madalena, 225, 1.º

Nesta reünião serão apresentados e discutidos os trabalhos realizados pela referida comissão, devendo ser eleitos também os corpos directivos do partido.

Pela referida comissão são convidados a assistir todos os camaradas comungantes no comunismo, bem como os representantes da Imprensa.

Baixam os géneros

em Burgos

BURGOS, 10.—Continua a baixa de géneros, vendendo-se a 73 reales o alqueire de trigo. Esta baixa ocasiona grandes perdas aos lavradores.—*Rádio*.

Ferroviários presos

Um espectáculo de auxílio

Deve realizar-se àmanhã, pelas 21 horas, no teatro da República, do Barreiro, um espectáculo em benefício dos ferroviários presos e demitidos.

E' promovido peja Associação de Classe dos Ferroviários do Sul e Sueste, devendo nêle tomar parte o Grupo Taborda, de Lisboa, e o conhecido cultor da canção social, José Bacalhau.

Há grande entusiasmo por êste espectáculo, sendo de esperar grande concorrência.

Carregamento de batata

Entraram ontem no Tejo as chalupas francesas *Iris* e *Reine des Mers*, ambos de Ergny, com carregamentos completos de batata para Lisboa.

TRIBUNAL DE DEFESA SOCIAL

Os julgamentos de ontem

Os reus foram condenados

As «ordens superiores»...

Voltou ontem a funcionar, no quartel da guarda republicana de Campolide, o tribunal de defesa social, para julgar Paulo Eduardo dos Santos e Joaquim António Pereira, como implicados no caso do agente António da Praça, passado há tempos nas escadinhas de Santa Justa.

O aparato bélico manifestou-se como no primeiro julgamento. Já na Praça do Brasil se topava com patrulhas, a cavalo, da guarda republicana, estendendo-se mais patrulhas pelas circunvizinhanças até ao quartel, lugar onde a vigilância era mais apertada.

Quem lançasse a vista pelas terras que enfrentam o quartel, tinha a impressão de que se procedia a um exercício militar, tal a quantidade de guardas a cavalo e a pé, armados, que se viam.

Dentro do terreno do quartel e na casa onde funciona o tribunal, polícias de tôdas as qualidades e feitios, especialmente na sala, respirando-se ali um ar pesado, pois que se confundiam com a gente que lá se encontrava, pretendendo ouvir o que se dizia e fazendo um exame demorado a tôdas as pessoas, apalpando-as, etc.

O julgamento

Deviam ser 13 horas quando começou a ser interrogado Paulo Eduardo dos Santos, que negou a acusação, afirmando que à hora que se dera o caso e encontrava a almoçar.

Guilherme dos Santos, tipógrafo, testemunha de acusação, que reside actualmente em Torres Vedras, disse que Paulo dos Santos lhe contara ter tomado parte no atentado contra o António da Praça; porém, acrescentou que o Paulo tem a mania de se gabar do que não faz.

Seguiu-se Beatriz da Conceição, criada de servir numa casa próximo da escadinhas de Santa Justa, que disse ter ouvido tiros e a explosão duma bomba, mas não sabe quem foi o autor.

Delfim Pinheiro nada sabe do caso, visto achar-se já nas Caldas da Rainha, onde actualmente reside, muitos dias antes de êle se dar.

São em seguida inquiridas as testemunhas de defesa.

Depois é interrogado o outro acusado, Joaquim António Pereira, que negou qualquer interferência no caso, pois que, na ocasião em que êle se dera, passava, casualmente, na rua Nova do Carmo, fugindo, como tôda a gente o fez, sendo agredido então a cavalo marinho pelo agente António da Praça que o perseguiu, e prêso em seguida.

Foi depois feita a inquirição da testemunha de acusação Carlos Gualdino, de 10 anos de idade, que afirma ter visto o Pereira disparar os tiros e atirar a bomba. Em volta desta testemunha, uma criança, faz-se cavalo de batalha, porque ela teve o condão de assistir, sem arredar pé, a tôda a scena, não lhe escapando coisa alguma, pelo menos do que contou... E' muito sintomático e foi um belo esteio a que se ampararam os acusadores, pois nenhuma outra *viu* tam distintamente.

António Martins ouviu tiros e o rebentar duma bomba, não vendo, porém, o autor.

Também foi interrogado o agente António da Praça. Este, é claro, não era testemunha, mas sim acusador, e, integrado nesse papel, disse... como o caso se passou. As balas passaram-lhe pelas orelhas, mas êle, imperturbável, continuou fazendo o cigarro que começara e não largou de mão a onça de tabaco que momentos antes lhe custara.

DEBATE DE OPINIÕES

A questão do pão

deve prevalecer a tôdas as demais

Já ums bons 18 anos que eu lêra *A Conquista do Pão*. Mas o livro lá estava na minha estante, numa nova edição.

Abriu-o e folheei ao acaso.

Um dos capítulos mais interessantes e que Pedro Krópatkine desenvolve com segurança é o que respeita ao abastecimento do público *no dia seguinte ao da revolução*.

São do ilustre revolucionário russo estas palavras:

«E' preciso garantir o pão ao povo revoltado; é preciso que a questão do pão sobreleve a tôdas as outras.

.....

«E' evidente que o menor ataque à propriedade ocasionará a desorganização completa de todo o regime baseado na empresa particular. A sociedade vê-se lá forçada a encarregar-se da produção e de reorganizá-la segundo *as necessidades da população*.

«...esta reorganização não é possível num dia, nem tampouco num mês, e exige sem dúvida um certo período de adaptação durante o qual milhões de homens estarão privados dos meios de existência...»

Na verdade, parece não dever existir para nós, os revolucionários, problema mais importante a resolver do que êste—o de dar alimentos à população. E eu vejo, com terríveis apreensões, que tal problema é o que menos preocupa os propagandistas da revolução. Cautela! A fome será àmanhã o melhor argumento dos contra-revolucionários, será a melhor arma de que se servirão todos a quem o novo estado de cousas tiver anulado os privilégios ou simplesmente não houver satisfeito as ambições. Cautela!

Será, de facto, como muitos entendem, tempo perdido o que se gasta no estudo prévio desta questão, enunciando as dificuldades e balanceando as possibilidades? Eu entendo que não e vejo, pelo contrário, tôdas as vantagens na apreciação de problema tam fundamental.

Figuremos, pois, o isolamento económico do país e vejamos qual a nossa situação a respeito das principais substâncias alimentares.

Os mais recentes dados estatísticos publicados pela direcção geral de Estatística e Economia Agrícola dão-nos os seguintes números, quanto à media anual das colheitas:

Trigo.....	208.551.720	quilogramas
Milho.....	265.843.875	»
Centeio....	98.989.200	»
	573.384.795	»

Os trabalhos da direcção geral de Estatística Agrícola, que nós conhecemos de perto, são feitos com muito rigor e muito escrúpulo. Sucede, porém, que o produtor, com o receio da requisição, do tabelamento e até suspeitando de que a produção manifestada possa servir de base ao agravamento das contribuições, o que é infundado, nem sempre manifesta com exactidão as quantidades que produz. Não será talvez exagêro acrescentar às quantidades manifestadas, como coeficiente de correcção, mais 20 0|0 para obtermos a produção aproximada. E assim teremos para os três cereais panificáveis, em números redondos 688.061.800 quilogramas. Mas ha que abater a esta cifra a quantidade necessária para as futuras sementeiras. Essa quantidade é, pelos números oficiais, de 76.047.000 quilogramas. Nós, porém, procuraríamos dar imediatamente um incremento mais largo às sementeiras e teríamos de arredondar aquele número para 120.000.000 de quilogramas, pelo menos.

Ficavam-nos disponíveis 568.061:800 quilogramas de cereais panificáveis, que rateados pelos 6.000:000 de habitantes portugueses, dariam a capitação de 94,600 quilogramas por ano ou 260 gramas por dia.

O pêso da farinha é sempre inferior ao pêso do cereal em grão, mas por outro lado a água que entra na composição do pão restabelece o equilíbrio. Haveria porém a descontar a farinha para outras aplicações, massas alimentícias, bolachas e biscoitos, etc. E assim a ração diária de pão teria de baixar para 200 gramas, apenas, por indivíduo. Não é uma capitação regular e suficiente, pois o consumo diário por indivíduo não é actualmente inferior a 400 gramas.

Vejamos o arroz.

A média da produção manifestada é 19.320:000 quilogramas, números redondos. Juntando-lhe mais 20 °|o, para correcção, obtém-se a produção de 23.184:000 quilogramas. Tirando para semente em vez de 1.315:000 quilogramas da média anual, 2.184:000 quilogramas, ficam-nos 21.000:000 de quilogramas, que dão a capitação anual de 3,5 quilogramas por indivíduo. E' uma ração deficientíssima.

E procedendo da mesma forma obteremos: para o feijão, uma capitação de 5,2 litros; para o grão, uma capitação de 1,2 litros; para a batata, uma capitação de 26 quilogramas, tudo por indivíduo e por ano.

São, como se vê, quantidades insuficientes. O açúcar teria de ser temporàriamente suprimido do consumo, por o não produzirmos. A carne daria as seguintes capitações: vaca, 2,900; carneiro ou cabrito, 6,400; porco, 5,200 quilogramas, por indivíduo e por ano.

O azeite e o peixe fresco e salgado, como conseqüência da paralisação temporária da indústria de conservas, dariam de sobra para o consumo.

E desta maneira, à fôrça de restrições, teríamos de viver nos primeiros momentos.

J. Carlos RATES

um escudo, e a que tinha muito amor. E, sempre impávido, atirou-se sôbre o Pereira, pois afirma ter sido êste quem lhe disparara os tiros e depois lhe atirara a bomba. Fala como se estivesse discutindo com amigos, dizendo que nada receava, fôsse ou não condenado o Pereira.

Este, em contínuos apartes, contesta-lhe as afirmações, chamando-lhe mentiroso, dizendo tratar-se de uma vingança do António da Praça. A certa altura verifica-se êste caso estranho: postam-se ao lado do acusado duas praças da guarda, armadas, protestando o advogado de defesa, dr. sr. Alexandrino de Albuquerque, contra o facto. O juiz presidente diz não ter dado tal ordem e o alferes comandante da fôrça comunica *possuir ordens superiores para não consentir que os reus falassem de mais!!!*...

Como o juiz dissesse que o reu não dissera inconveniências que justificassem aquela atitude, foram, por sua ordem, mandados retirar os soldados.

O António da Praça, acusador, pôde dizer o que lhe apeteceu e ao acusado pretendia se negar igual direito. Registe-se a dualidade de procedimentos, apesar de saber-se que um acusado é sempre um acusado, devendo-se-lhe dar a maior margem à defesa.

O advogado de defesa fez um excelente discurso, salientando a falta de provas que se puderam adquirir durante o decorrer do julgamento e as contradições que se notavam, não se podendo, portanto, fazer fé pelo que se ouvira, pois que as afirmações não se fundamentavam e não justificavam a acusação feita aos seus constituintes.

Recolheu depois o tribunal para deliberar, o que demorou umas três horas, sendo por fim os dois condenados segundo o decreto que criou aquele tribunal especial, isto é, a serem entregues ao govêrno.

Para que seja bem conhecida a liberdade com que decorreram os preparativos do julgamento de ontem, basta dizer que na quinta-feira apresentou-se nas Caldas da Rainha o agente Iglesias a *convidar* o operário Delfim de Sousa Pinheiro, que ali trabalha, a vir a Lisboa para servir de testemunha no julgamento.

Aquele camarada foi acompanhado pelo agente até aqui, tendo-o levado para casa do António da Praça, onde pernoitou, saíndo ontem para comer e para o tribunal sempre na companhia de agentes, só lhe sendo possível ser livre depois de terminado o julgamento e de o conduzirem ao govêrno civil onde lhe foram passadas guias de regresso às Caldas.

Portanto, Delfim Pinheiro foi coagido a vir depor no julgamento, apesar de nada saber do caso, e para isso usaram o processo de o terem sob prisão, sem que o quizessem dar a entender, devendo acentuar-se a hospitalidade do António da Praça, pois bem significativa ela é.

Muito curioso tudo isto, não lhes parece?

Em frente do Limoeiro, quando ali foram buscar os presos, exibiu-se também grande aparato bélico de fôrças da guarda republicana, sendo revoltante o vêr-se uma mulher ainda nova, que vinha do Aljube, no meio de quatro soldados, armados.

Não sabemos para que é preciso tanto aparato. Parece que vivemos num regime de terror, tal o uso demasiado que se faz da fôrça.

Toda a gente sabe que Lisboa é uma verdadeira caserna, mas é necessário mostrar a fôrça que existe, e até as mulheres são tidas como feras!

FESTAS DE SOLIDARIEDADE

A favor dos presos por questões sociais

Promovida por uma comissão delegada da F. N. C. C., realizam-se na sede do S. U. Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, nos dias 26 e 27 do corrente e 6 de Março, interessantes festas a favor dos presos por questões sociais e viuvas e orfãos de militantes mortos.

A comissão organizadora comunica que os bilhetes se encontram à venda nos seguintes locais: S. U. C. Civil; Rua Fernandes da Fonseca (A Social), 31, 33; Rua do Arco do Marquês do Alegrete, 56; Rua da Palma, 200; Barbearia Mendonça, Rua da Mouraria, 61 e 63; Chapelarias de José Rua, Rua dos Poiais de S. Bento e Social, 74, e no Grupo Dramático Solidariedade da Construção Civil.

A comissão organizadora apela para todos os camaradas, pedindo-lhes que venham à sede do S. U. buscar bilhetes para facilitar a sua passagem em auxílio daqueles que lutam com a miséria nos cárceres desta república.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Operários correeiros

Reüniu ontem a comissão administrativa do sindicato dos correeiros, que apreciou a correspondência trocada com os industriais, respeitante às actuais reclamações de aumento de salário.

Verificou-se que alguns industriais já aderiram à tabela dêste sindicato e pagam segundo a mesma. São já poucas as casas que faltam satisfazer o aumento reclamado, e para apreciar e resolver o caminho a seguir reúne a classe em assemblea geral na próxima segunda-feira, pelas 20 horas.

Gráficos das Casas de Obras

Reúne hoje, pelas 20 horas, para um assunto importante a comissão pró-aumento de salário.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação das Juventudes Sindicalistas —*«Comité federal»*.—Reúne hoje, pelas 20 e meia horas prelixas.

Núcleo da Industria de Calçado, Couros e Peles.—Convida-se a comissão a reünir hoje, pelas 20 horas.

Núcleo de Vila Nova de Gaia.—No próximo domingo, 13, realiza-se neste núcleo, sito na Avenida da República, 1367, uma sessão solene comemorativa do seu 1.º aniversário e inauguração da bandeira. Nesta sessão solene farão uso da palavra diversos militantes em evidência no movimento operário, para a qual é convidado o povo trabalhador, pois será uma grandiosa demonstração e um dia de imensa propaganda.

A sessão principiará às 14 horas.

A BATALHA NO PORTO

As classes marítimas do rio e Leixões declaram-se em greve como protesto contra o encerramento arbitrário da União dos : : : : : : Trabalhadores Fluviais : : : : : :

PORTO, 8.—Um acto arbitrário cometido pelo chefe superior do distrito deu origem a ser proclamada, ontem, a greve geral pelas classes marítimas, paralisando todos os serviços no rio e bacia de Leixões. Em conseqüência dos trabalhadores fluviais, num gesto espontâneo de solidariedade, haverem resolvido numa assemblea magna *boicotar* as casas comerciais que mantivessem ao serviço de descarga mulheres, no intuito de humilharem e prejudicarem a classe dos carregadores e descarregadores de terra e mar, o governador civil chamou uns representantes dos fluviais, a fim de vêr se conseguia dissuadi-los dêsse propósito. Como, porém, não anuíssem aos desejos do governador, êste, como revindita, mandou encerrar, sem mais preâmbulos, a União dos Trabalhadores Fluviais do Pôrto e Gaia, enquanto pela polícia de segurança do Estado eram presos Joaquim Lourenço Pinto e António Ferreira da Cruz, respectivamente cartorário e secretário da Associação. Esta imprudente e arbitrária medida deu lugar a que o conflito se agravasse, declarando-se imediatamente em *greve* os trabalhadores fluviais (estivadores gaieiros), barqueiros e fragateiros, carregadores e descarregadores de terra e mar, secção de moços e marinheiros, marítimos da Foz do Douro, trabalhadores fluviais de Leixões (estivadores de Leça), fogueiros e maquinistas fluviais, catraeiros de Leixões, criados e cosinheiros de bordo e construtores navais.

O movimento grevista no rio não tem, pois, um carácter material, mas sim moral.

«Há tempos numa greve de descarregadores de mar e terra, que a teimosia dos armazenistas de mercearia prolongava e a que o fracasso das negociações das autoridades não conseguira pôr termo, a nossa Associação ofereceu-se para ser intermediária.

Foi aceite a sua intervenção pelas duas partes em litígio e prontamente a greve terminou, *sob a condição, que os armazenistas aceitaram, de as mulheres admitidas ao trabalho para furar a greve*, mulheres que haviam sido recrutadas nas aldeias e roubadas ao trabalho dos campos, *serem devolvidas às suas anteriores ocupações* mas só quando determinado fosse o praso porque tinham sido contratadas.

Aguardou esta Associação que a palavra dada pelos armazenistas fôsse integralmente cumprida, como o fôra a dos nossos companheiros.

Pois sim!

Terminado o *praso* insistimos pela satisfação do compromisso tomado e passaram-se dias, semanas, meses e o que vimos foi o emprêgo de «trucs» e habilidades para sofismarem êsse compromisso.»

Isto é dito pela União dos Trabalhadores Fluviais num manifesto profusamente distribuído ao público. Ora sucede que as mulheres teem dado margem a escândalos, tendo servido para «scenas lúbricas e bestial sensualidade», havendo até, ao que consta, alguns casos de adultério. Surgia também uma questão moral, a que era preciso pôr termo. Ainda assim os fluviais esgotaram-se em *démarches* para que os armazenistas cumprissem a sua palavra. Só esgotados todos os meios suasórios, é que aquela classe se resolveu a *boicotar* as cargas e embarcações das casas comerciais que faltaram ao compromisso tomado. Muito naturalmente, eram atingidas também as firmas que mantivessem relações directas com os armazenistas. Antes da atitude do chefe do distrito, certos negociantes procuraram demover a classe dos fluviais do *boicote* declarado, ofertando-lhe somas avultadas. Porém, a dignidade daquela classe não se deixou subornar. Foi depois disto que a Associação dos Armazenistas apelou para as iras do chefe civil do burgo, que se não fizeram tardar. Os trabalhadores fluviais, no entanto, surpreenderam-se pela violência, porque «a República e os seus homens puderam contar com os trabalhadores fluviais». Mas os trabalhadores é que não podem contar com a República, quando se trata de interêsses das castas privilegiadas. E' que a República é burguesa e, como tal, defende os burgueses, ao número dos quais pertencem os negociantes, incluindo mesmo aquele que, como diz o manifesto da União dos Trabalhadores Fluviais, convidara um dos seus membros a fazer preço para meter no fundo uma embarcação carregada de arroz, por êste lhe ficar mais caro do que o preço porque corria na praça! Assim, tinha dois proveitos: «o seguro pagava-o e manifestava-se a escassês do artigo»!

Enfim, a greve é total e continua sem desânimos.

Os carregadores e descarregadores de terra e mar reúnem para apreciar a sua situação

Em assemblea geral, reüniu a numerosa classe dos carregadores e descarregadores de terra e mar para tratar da questão referente à sua reintegração nos serviços do ramo de bacalhau. Todos os assistentes verberaram o procedimento de alguns importadores daquele peixe, por, sistemàticamente, não atenderem uma justa reclamação, apelando, pelo contrário, para a violenta intervenção da autoridade, quando a classe, pacìficamente, reivindica os seus direitos adquiridos. Demonstrando bem nitidamente o rancor que os importadores de bacalhau nutrem pela classe em referência, esta ocupou-se a seguir do arbitrário encerramento da União dos Trabalhadores Fluviais do Pôrto e Gaia, sendo aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«A classe dos carregadores e descarregadores de terra e mar do Pôrto e Gaia, reünida em assemblea geral, tendo conhecimento de que a sede da Associação de Class União dos Trabalhadores Fluviais do Pôrto e Gaia (Estivadores) foi violenta e arbitràriamente encerrada e lacrada pelas autoridades, protesta energicamente contra tal violência cometida e resolve declarar a greve geral da classe, paralisando assim com todos os trabalhos da sua especialidade até que aquela colectividade seja reaberta. Lamenta ao mesmo tempo que as autoridades enveredem pelo caminho das violências, quando os trabalhadores se teem comportado na máxima ordem e sem darem o mais pequeno motivo à sua intervenção.

Foi nomeada uma comissão a fim de, junto dos corpos gerentes da colectividade encerrada, manifestar a mais ampla solidariedade e indignação dos cargadores e descarregadores. Nesta assemblea igualmente foi tomado conhecimento dos trabalhas da conferência inter-sindical levada a efeito pela U. S. O., sendo resolvido nomear-se mais um delegado àquele organismo. As restantes resoluções ficaram para ser apreciadas em outra assemblea.—C.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação do Calçado, Couros e Peles.—Em sua última reünião apreciou, àlem dos assuntos de que damos nota noutro lugar, a última redacção do regulamento da Caixa de Solidariedade da Federação, que há de ser lido na próxima reünião do conselho, que se efectua no dia 14.

Compositores Tipográficos.—Reüniu a comissão administrativa, ocupando-se demoradamente de diferentes assuntos de carácter interno e tomando diversas resoluções que se prendem com o bom andamento dos trabalhos de que foi incumbida.

Tomando conhecimento da condenação, pelo tribunal de defeza social, do camarada Paulo dos Santos, resolveu lavrar o seu mais veemente protesto por tam iníqua como injusta sentença.

Igualmente protesta esta comissão contra a arbitrária prisão do camarada Alfredo Pinto.

Apreciando o procedimento dos governantes do país visinho, que sistemàticamente tentam destruir as organizações sindicais dos nossos camaradas espanhois, esta comissão associa-se aos protestos da U. S. O. dando-lhe todo o seu apoio.

S. U. da Construção Civil.—*Conselho administrativo*.—Reüniu ontem, extraordinàriamente, para dar despacho a expediente, tendo resolvido realizar uma assemblea geral no próximo dia 22 para na mesma ser apresentado o relatório financeiro do sindicato e o parecer da comissão revisora de contas do último trimestre.

São por esta forma avisados todos os sócios que queiram auxiliar a viuva e filhos do extinto camarada José Augusto do Carmo, que na sede dêste sindicato se encontram à venda bilhetes para uma récita em auxílio dos mesmos.

Cozinheiros e Criados Portugueses da Navegação Estrangeira.—A direcção reüniu ontem extraordinàriamente, pelas 12 horas, a pedido da comissão de melhoramentos, para tratar de assuntos graves referentes à classe.

Refinadores de açúcar.—Para ouvir a resposta dos industriais, reüniu esta classe, que não ficou satisfeita em virtude de só quererem dar o aumento trabalhando mais horas fora do regulamento. Foi resolvido ficar assente um salário igual para todos, visto também ser igual o trabalho. Protestou-se contra o procedimento dos operários da rua 24 de Julho, que não compareceram à reunião, sendo deliberado que uma comissão os fôsse convidar a comparecer na assemblea do próximo domingo, que se deve realizar pelas 15 horas, para ser resolvido o assunto.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil. — E' convidado a reünir hoje, pelas 20 horas, a comissão de auxílio aos presos por questões sociais e viuvas e orfãos desta indústria.

S. U. da Construção Civil.—*Conselho administrativo*.—São convidados os cobradores que tenham verbetes dos sócios cabouqueiros e fabricantes de cal a entregá-los hoje, na sede, devido à respectiva secção profissional desta classe se encarregar de futuro de fazer a cobrança.

—A comissão revisora de contas do último trimestre reúne hoje, pelas 21 horas.

Ca xeiros.—Reúne hoje a assemblea geral, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Tomar conhecimento dos resultados da arbitragem de que foi incumbido, pela assemblea geral de 28 de Janeiro, o presidente da mesa;

2.º Proceder à eleição de nova direcção, 1.º e 2.º secretários, da mesa, e prover, por nomeação, os lugares vagos na comissão de instrução e educação.

S. U. Mobiliário.—*Comissão administrativa*.—Reüniu ontem esta comissão, tendo apreciado diversos assuntos, que serão submetidos à assemblea, que se realiza hoje, e resolveu convocar os corpos gerentes a reünir na próxima terça-feira.

Mais resolveu convidar os cobradores, que ainda não o fizeram, a vir prestar contas das respectivas cobranças.

Realiza-se hoje, pelas 20 horas, a assemblea geral, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Nomeação de um camarada para a comissão de melhoramentos; 2.º Apreciar e resolver sôbre as resoluções tomadas na reünião das direcções, realizada na U. S. O.; 3.º Nomear o delegado à comissão inter-sindical, pró-presos sociais; 4.º Apreciar o regulamento da Caixa de Solidariedade.

Devido à importância do assunto a tratar pede-se a comparência de todos os camaradas sindicados.

Boisim de trabalho—Convidam-se a comparecer hoje, pelas 20 horas, os camaradas que fazem parte dêste Boisim.

pede-se a comparência hoje dos camaradas que compõem a comissão revisora das contas da comissão administrativa transata.

Operários de limpeza e sanidade.—Reüniu a direcção que, dando expediente a várias propostas para admissão de novos sócios, resolveu convocar uma assemblea para terça-feira, 15, pelas 20 horas, em virtude de se não realizar a que estava convocada para ontem, por falta de número. A direcção pede aos camaradas das respectivas zonas para nomearem os seus cobradores, lembrando também que na assemblea de terça-feira devem comparecer os camaradas dos cemitérios, porque se vai tratar de aumento de salário e de nomear um delegado à U. S. O.

VIDA POLITICA

Grémio Socialista do Castelo.—A direcção dêste grémio participa aos habitantes do Castelo que, achando-se aberta a inscrição para admissão dos alunos de mais de 12 anos de ambos os sexos, esta far-se há das 20 às 23 horas, em todos os dias úteis.

O «Metalúrgico»

Os corpos gerentes do Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa previnem todos os cobradores da área central e as comissões administrativas das secções de que devem vir à sede do sindicato àmanhã, das 18 horas em diante, afim de levarem os exemplares do número único de *O Metalúrgico*, para serem distribuídos gratuitamente aos sindicados no acto da cobrança de domingo.

A comissão que tratou da confecção do jornal convida todos os camaradas metalúrgicos que se interessem pela divulgação de *O Metalúrgico*, pelas oficinas, a virem requisitar exemplares ao sindicato, onde serão atendidos mediante a quantia de $05 centavos cada exemplar, que é o preço da venda avulso aos camaradas não sindicados.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE—2.ª Nova Companhia de Circo—**HOJE**

A maior, a mais completa e a mais notável que Lisboa tem visto

Os números mais sensacionais

Os mais reputados artistas do mundo

HOJE—Uma grande e formidável Companhia—HOJE

Grande sucesso—Colossal triunfo

Ultimas notícias

Paz separada?

Propõe-na à Alemanha, segundo a «Rádio», o govêrno americano

BERLIM, 10.—Os jornais americanos anunciam que o ministério dos negócios estrangeiros entregou ao representante da América em Berlim uma mensagem sôbre as vantagens duma paz separada entre a América e a Alemanha. Nos círculos oficiais alemães faz-se ressaltar a vantagem de se conseguir êste resultado.—*Rádio*.

O plebiscito de Wilna

Desde que não vão tropas francesas e inglêsas...

ESTOCOLMO, 10. — Por notícias vindas de Moscóvia, consta que o govêrno dos Sóvietes está conforme com a remessa de tropas americanas e italianas para a região plebiscitária de Wilna, notando entretanto que não toleraria nenhuns contingentes inglêses ou franceses.—*Rádio*.

EM ATENAS

Vai dar-se a greve geral?

ATENAS, 10.—Considera-se iminente a declaração da greve geral.

Nos círculos socialistas de Londres receberam-se telegramas informando que a agitação operária aumenta de dia para dia, devido ao descontentamento causado pela conservação nas ileiras de tropas a que se tinha prometido a desmobilização, depois da queda de Venizelos. O mal estar mantem-se, porque o novo regime continua na mesma política de repressão do govêrno venizelista.—*Rádio*.

Associações sindicais revolucionárias

Conferência internacional

BERLIM, 10.—Uma conferência internacional das Associações sindicais revolucionárias foi convocada em Moscóvia para o dia 1 de Abril. Os trabalhos preliminares começaram já. Estarão representadas França, Hungria, Bulgária, Alemanha e Rússia.—*Rádio*.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Faleceu a sr.ª D. Teresa de Jesus Costa, mãe do sr. Carlos Costa, chefe de contabilidade da casa Bruno, Santos & C.ª, cujo funeral se realizou em 6 do corrente mês.

FALECIMENTOS

Acaba de falecer o camarada Silvino Raimundo, antigo sócio do Sindicato Unico da Construção Civil, membro da comissão profissional dos canteiros, e tesoureiro do sindicato unico, cargo que não chegou a ocupar por virtude de ter falecido inesperadamente.

A secção profissional de canteiros convida todos os componentes a encorporarem-se no seu funeral, que se realiza hoje, pelas 16 horas, saindo o préstito do Beco dos Birbantes, n.º 12, ao Campo de Santana para o Cemitério Oriental, fazendo-se a mesma secção representar por um camarada da comissão profissional.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

Realizou-se ontem, como estava anunciada, a estreia da nova companhia de circo que, justo é dizê-lo, é a melhor e mais completa que tem vindo a Lisboa nos últimos anos. Os artistas que a compõem, hábil e criteriosamente seleccionados entre os melhores da especialidade, são, segundo nos informam, os que mais aplaudidos teem sido em todos os circos estrangeiros e, de facto, os seus trabalhos são de tal forma notaveis e correctos que conseguiram arrancar à enorme multidão que enchia aquela vasta casa de espectáculos os mais vibrantes e entusiásticos aplausos. Estamos certos de que o Coliseu marcará mais uma época feliz nos seus registos e que o público ficará satisfeito com a empreza que lhe proporciona noites de delicioso entusiasmo.

Reclamos

Canta-se àmanhã, pela quinta vez nesta temporada, em S. Carlos, a magistral partitura de Wagner *Parcifal*, que tanto êxito tem obtido. Nesta ópera o tenor Fagoaga substituirá o tenor Rousseliere, na parte de protagonista. Estamos certos que o tenor Fagoaga, que ultimamente, em Madrid, cantou esta ópera com grande sucesso, àmanhã o confirmará entre nós.

Esta récita é a vigessima segunda de assinatura ordinária. Hoje não há espectáculo.

—Hoje, em definitiva despedida, vai à scena *O Marquês de Villemer*, que àmanhã cede o lugar a *reprise* dum dos mais belos originais portugueses, *Os velhos*, de D. João da Câmara, peça delicadíssima na qual contra o ilustre artista Eduardo Brazão.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21—«O Marquês de Villemer.»
SÃO LUIZ—A's 21—«A Leiteira de Entre Arroios».
POLITEAMA—A's 21 — «Gente chic.»
TRINDADE—A's 21—«O ilustre desconhecido».
AVENIDA—A's 21,15—«A inimiga».
EDEN—A's 21—«Bomba real», revista.
APOLO—A's 21—«Burro em pé», revista.
SALÃO FOZ—A's 19,30—Companhia de variedades.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Grande companhia de circo.
GIL VICENTE — A's 21. — Hoje e àmanhã, a zarzuela «Chateau Margaux», variedades e a revista local «O Zé da Graça».

Variedades e Animatógrafos—Salões: Olimpia, Central, Condes, Chiado Terrasse Anjos, Trindade, Promotora, Portugal, e Cine-Paris, Ideal e Chantecler.

AS GREVES

Operários ferradores

Esta classe resolveu dar a greve como finda, em virtude de terem os industriais já assinado a nova tabela, tendo todos reünido para fazerem nova tabela de preços à ferração do gado.

Em virtude disto, a comissão administrativa entendeu por bem participar a todos os camaradas que não assistiram a esta reünião, realizada em 10 do corrente, que terminou a greve dos operários ferradores de Lisboa, podendo, por isso, qualquer que se encontre desempregado ocupar o lugar que lhe apareça, sem receio de ser interpelado, visto haver terminado o conflito.

VIDA ANARQUISTA

Grupo Libertário Novos Horizontes.—Reune hoje êste grupo para assuntos importantes, pelas 21 horas, no local do costume. Pede-se que não falte nenhum dos componentes.

Combóios entre Lisboa e Pôrto

No louvável esfôrço de proporcionar ao público o maior número possível de comodidades compatíveis com os elementos de que actualmente dispõe para a sua exploração, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses pôs em circulação, nos combóios correios entre Lisboa e Pôrto (n.os 8 e 15) uma carruagem de sofás-camas, o que representa um importante melhoramento no tráfego de passageiros entre as duas capitais.

Cooperativa de Pão A Familiar

64

Rua dos Cordoeiros a Pedrouços n.º 39 a 43

Convoco a reünião da Assemblea Geral extraordinária, para o dia 20 do corrente, pelas 20 horas, afim de se tratar da emenda dos Estatutos, valorização da propriedade e apresentação de propostas referentes a êstes assuntos.

Esta Assemblea funcionará com qualquer número de sócios, depois de passada 1 hora da sua primeira reünião.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1921.

O Presidente da Assemblea Geral

Bairros Sociais

Até às 12 horas do dia 20 do corrente recebem-se na sede do Conselho de Administração dos Bairros Sociais (rua do Arco do Cego, 54, 1.º), propostas para o fornecimento de cal em pedra ou em pó.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1921.

O Secretário do Conselho,

J. Gonçalves 66

Cooperativa de Pão A Familiar

65

Rua dos Cordoeiros a Pedrouços n.º 39 a 43

E' convocada a Assemblea Geral ordinária desta Cooperativa para o dia 20 do corrente, pelas 15 horas, afim de se votar e discutir o relatório de 1920, contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal.

Não havendo número legal na primeira reünião efectuar-se há em 2.ª convocação 1 hora depois, com qualquer número.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1921.

O Presidente da Assemblea Geral

Bairros Sociais

Até às 12 horas do dia 20 do corrente, recebem-se na sede do Conselho de Administração dos Bairros Sociais (rua do Arco do Cego, 54, 1.º), propostas em carta fechada para o fornecimento de 500 metros cúbicos de madeira própria para construção.

A nota indicativa das quantidades de madeira a fornecer é entregue nos Serviços Técnicos das 11 às 17 horas nos dias úteis, a quem a requisitar.

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1921.

O Secretário do Conselho,

J. Gonçalves 67

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

OBRAS COMPLEMENTARES

Remodelação das Oficinas Gerais do Barreiro

ANUNCIO

Para conhecimento dos interessados, se faz público que o praso para apresentação de propostas para a execução da remodelação das Oficinas Gerais no Barreiro, foi prorrogado até 31 de Março do corrente ano.

Lisboa, 5 de Fevereiro de 1921.

Pelo Engenheiro Director,

R. Coureur

BOLSA DE TRABALHO

GRATIS para os que procuram ocupação, não excedendo a 3 linhas; cada linha a mais 5 ctvs. Para os que procuram empregados 5 ctvs. a linha.

OFERECE-SE

Mulher a dias. R. das Ad.as, 30 r|c.

Rapariga de 14 anos. L. das Olarias, 16 (dentro do gradeame..to).

Homem para armazem de ferro ou cereais. R. do Possolo, 23, 1.º Dt.º

Homem para qualquer serviço, sabe lêr e escrever. Resposta J. C. n.º 100.

Moço sabendo lêr e escrever. Dá referencias. R. do Norte, 21, 4.º Dt.º

Aprendiz de serralheiro. R. Procissão, 83, pátio.

Aprendiz de serr. mec. c. pratica. R. Procissão 52, 3.º

Cosinheira a dias. Rua do Ouro, 165, 4.º, Dto

PRECISA-SE

Alfaiate bom e mesas costureiras. Rua das Taipas, 19, r|c.

Ajuntadeira Precisa-se de boa costureira. R. Eugenio dos Santos, 43, 2.º (Santo Antão).

Praticanta escritório, na R. do Arco a S. Mamede, 56.

Aprendiz com pratica para estojeiro. Rua S. Julião, 110, 3.º

Sapateiros oficiais de concertos, e ajudante de obra de senhora, salto forrado. R. da Procissão, 141.

Criada e mulher a dias. R. de Bemformoso, 25, 3.º Dt.º.

Criada de meia idade para 2 pessoas. Beco da Barbaleda n.º 18, 4.º esquerdo.

Marçano Largo do Calhariz, 32.

Anúncios económicos

Para compras, vendas, alugueis, trespasses, etc., até 3 linhas 20 ctvs.; cada linha a mais 5 ctvs.

Dentista Extracções por anestesia, especial colocação de dentes fixos e com placa. Dr. Barros Marinhas. Rua da Assunção, 25, 3.º

Chapelaria E' em A SOCIAL onde os operários devem adquirir chapeus. Há tôdas as variedades. Sede e sucursais: Rua Fernandes da Fonseca, 51. — Rua dos Poiais de S. Bento, 74 — Rua do Corpo Santo, 29—Rua Arco M. Alegrete, 56.

Aos funileiros Vendem-se uma calandra com 1 metro e uma cravadeira com 0,60, em muito bom estado, ou trocam-se por bordeadeira ou tesoura recta. António Lopes de Sousa —Abrantes.

Pelos encarrega-se de todos os trabalhos neste género. T. dos Inglezinhos 5, 2.º, D.to

Espelho duas chapas, vendem-se com 0,87x0,[illegible] cada. Diz-se na administração deste jornal.

Máquinas Singer e agulhas, preços sem competencia. Executo todos os pedidos da provincia seja o que fôr. R. do Arco a S. Mamede, 56.

Aceitam-se anúncios nas agências: Rua Augusta, 270, 1.º, Rua Aurea, 30 e Rua dos Retrozeiros, 147.

Aos Ferroviários da Companhia Portuguesa

Hipólito & Artur da Silva com alfaiataria na rua do Marechal Saldanha, 22 e 24, ao Calhariz, participam aos ex.mos empregados que, sendo fornecedores da mesma companhia, esperam receber as suas estimáveis ordens, o que muito agradecem.

Caixas de papelão precisa-se homem com habilitações para encarregado de oficina, e mulheres com prática. R. do Arco (a S. Mamede), 15.

Senhoras de meia idade, oferecem-se, para costura, serviços leves, preferindo fora de Lisboa. Carta a êste jornal a E. M.

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da sifilis e de todas as doenças que derivem da impureza do sangue. Centenas de pessoas se teem curado. Trata-se de todas as doenças por meio de ervas. Caixa, $80. Travessa da Oliveira, 21, rez-do-chão, direita, da Estrela. 12

A' Rapaziada!!!

As valentes e pêras!

Botas prêtas, para homem, 13$75 15$25 e 16$75.

Botas brancas, **As Valentes**, a 13$75.

Botas prêtas, **duas solas**, a 16$75.

Sapatos para senhora, a 11$50, 14$50, 15$00 e 16$00.

Grande variedade de calçado para criança, e de luxo para senhora.

Para a frente é que é!!!

Venham ver os nossos preços!

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Noticias».

SAPATARIA S. ROQUE

16, Largo Trindade Coelho, 17 (Antigo Largo S. Roque)

América do Norte, Brasil, Argentina, Colónias e Europa

Tratam-se de documentos para passaportes e passagens em qualquer classe, com a maior brevidade para tôdas as pessoas.

GABRIEL LUÍS, agente habilitado—RUA DE S. JULIÃO n.º 32, 3.º.—LISBOA